

Estudo Nacional sobre Violência no Namoro da UMAR revela dados preocupantes:

Violência e namoro de mãos atadas

No dia 14 de Fevereiro 2017, a UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta - organizou uma conferência de imprensa de lançamento dos dados do novo Estudo Nacional sobre Violência no Namoro, que contou com a presença da Secretária de Estado da Cidadania e Igualdade, Catarina Marcelino. Este estudo abrangeu cerca de 5500 jovens com uma média de idades de 15 anos e foi implementado em todo o território nacional - Portugal continental e arquipélagos dos Açores e Madeira. A análise dos dados recolhidos está dividida em duas dimensões: a legitimação dos actos violentos e a prevalência da vitimação nas relações de namoro.

A violência no namoro é uma problemática muito presente na vida dos/as jovens e que pode ter repercussões na vida adulta, pelo seu carácter intergeracional. O último estudo da UMAR apresenta dados preocupantes, destacando-se, entre muitos outros, o facto de 24% considerarem normal partilhar fotos íntimas ou insultar através das redes sociais e 14% legitimarem a violência psicológica, havendo 19% de jovens que já foi vítima deste último tipo de violência.

Dos dados analisados, salienta-se, como primeira conclusão, que em todas as situações estudadas, há uma percentagem importante (maior ou menor) que legitima comportamentos de violência, ou seja, consideram aceitável que, num relacionamento íntimo, esses actos possam acontecer. Em segundo lugar, importa realçar que, entre as/os jovens que namoram ou já namoraram, também encontramos uma percentagem relevante de respostas de experiência em todas as situações e comportamentos de violência. Reflectindo sobre os resultados deste estudo, compreende-se que a violência no namoro está presente nos relacionamentos íntimos — com a vitimação entre 6% (violência física e sexual) e 19% (violência psicológica) e na legitimação entre 6% (violência física) a 28% (comportamentos de controlo). Pode também concluir-se que, em todas as dimensões, a naturalização da violência no namoro é maior nos rapazes do que nas raparigas: uma maior percentagem de jovens do sexo feminino reconhece como violência (não legítima) os actos apresentados (16%), comparativamente aos jovens do sexo masculino (27%). Quase um terço dos rapazes legitima comportamentos de violência. Em relação à violência sexual, a sua normalização nas relações de namoro apresenta valores muito altos (24%). Aqui, a diferenciação entre rapazes e raparigas é significativa, uma vez que a legitimação destes comportamentos pelos rapazes é de 22% e pelas raparigas é de 5%. Os comportamentos de controlo apresentam-se como os mais legitimados, por jovens de ambos os sexos (28%).

Por outro lado, a legitimação da violência física desceu tanto para rapazes como para raparigas. No entanto, na vitimação os resultados apresentam uma (ainda que ligeira) subida. A violência nas redes sociais, enquanto dimensão (relativamente) nova nas relações de intimidade, mostra resultados alarmantes, tanto na legitimação (24% - quase um quarto de jovens), como na vitimação (11%). Estas ferramentas novas de comunicação, se, por um lado, permitem a interacção virtual entre pessoas, constituem-se também como um perigo e um meio

propício ao exercício de grande violência, que tem passado despercebida aos/às pessoas adultas e que devem acompanhar estas e estes jovens.

A perseguição, sendo uma dimensão nova neste estudo de violência no namoro da UMAR, compreende um conjunto de comportamentos que é legitimado tanto por rapazes (33%), como por raparigas (19%). Esta legitimação pode advir do facto de, na cultura geral, estes comportamentos não serem considerados violência (apesar de já criminalizados), sendo portanto um assunto que deve ser reflectido pelas pessoas que têm a responsabilidade da educação dos/as jovens.

Os dados estudados sobre os vários comportamentos violentos são muito preocupantes, quer da vitimação quer da legitimação, nestas idades. Perante estes resultados e resultado da comparação com os dados recolhidos em anos anteriores, permanece a necessidade e urgência de uma intervenção com os/as jovens, o mais precoce e continuada possível, no sentido de prevenir a violência sob todas as formas. Estes resultados revelam-se também importantes para educadores/as e docentes, assim como para pais, mães e encarregadas/os de educação.



CATARINA MARCELINO, SECRETÁRIA DE ESTADO DA CIDADANIA E IGUALDADE

“19 por cento de jovens sofrem vitimação psicológica”

“Agradeço à UMAR a possibilidade de poder estar aqui, hoje, a partilhar estes dados e, em conjunto, reflectir sobre os mesmos, sempre nesta perspectiva de trabalho de parceria que temos vindo a realizar ao lado das ONG desde que o actual Governo tomou posse. E este estudo não é mais do que o resultado dessa parceria e desse trabalho profícuo que estamos a desenvolver em conjunto.

Hoje é um dia significativo, o Dia dos Namorados, em que as pessoas aspiram a felicidade e, quando apresentamos estes números e algumas estratégias para combater estes números negros, o que estamos a fazer é trabalhar em prol da felicidade dos jovens e das jovens portuguesas, agora e para o futuro. Relativamente aos números, quero dizer o seguinte: esta amostra é muito significativa. 550 jovens de todo o país é um número significativo, que nos permite tirar conclusões. Este estudo tem, na minha, opinião, um aspecto ex-



tremamente positivo porque estuda, não só, a vitimização mas igualmente a legitimação da violência. E aqui reside a questão que me parece mais importante quando olhamos para estes dados. Estamos a olhar não só para quem agride e para quem é vítima mas também para quem legitima essa violência, que é o que temos que combater na sociedade portuguesa. A invisibilidade da violência é aceitar a mesma e só combatendo esta legitimação poderemos combater a agressão e a vitimização no futuro. 19 por cento de jovens a sofrerem de vitimização psicológica, em que 30 por cento consideram normal insultar o outro é algo que nos deve preocupar, como nos deve preocupar 6 por cento de violência física e 6 por cento de coacção para relações sexuais. Mas também a questão do controlo, que é muito significativa porque estamos a falar de 10 por cento.

Contudo, a questão da legitimação é a que mais me preocupa porque os números são muito grandes, o que significa que, mesmo os que não agredem, podem passar a agredir ou a ser vítimas a qualquer momento. E que aceitam que os colegas, na sala ao lado, o façam. Tudo isto se reproduz no futuro em casos de violência doméstica, cujas médias de idades entre vítimas e agressores resultam de processos ao longo da vida que aqui se iniciam. E ter estudos sobre a violência no namoro é a base fundamental para podermos agir.

Neste momento, relativamente a esta matéria e com base nos estudos do ano passado e deste ano, temos feito uma reflexão sobre o que deve ser a acção da política pública e concluímos que devemos trabalhar com as ONG, que estão no terreno há muito tempo, têm experiência e know-how e, portanto, o trabalho será sempre nesta perspectiva de parceria, com projectos vocacionados para jovens desde o segundo ciclo até ao 12º ano mas igualmente nas universidades. Hoje, ao final do dia, teremos sete projectos financiados em todo o país, como o Artemis +, que a UMAR desenvolve há alguns anos, que começou no Porto e já envolve ainda Braga, Coimbra e

Lisboa, com um total superior a 1500 jovens. São projectos que ajudam a desmistificar questões da violência e questões de género nas relações de poder. A propósito, realçaria o facto de este estudo evidenciar uma nova questão: o facto de em algumas situações a questão da violência não ter uma componente de género no agressor e na vítima, uma vez que rapazes e raparigas são vítimas e agressores, o que significa que existe uma legitimação da violência na sociedade em geral e essa também deve ser combatida. Como afirmei, são sete os projectos que temos a decorrer no terreno, que chegam a mais de 15 mil jovens, com um investimento do Estado de 650 mil euros para combater a violência no namoro.

Mas sabemos que não é suficiente e, por isso, estamos a trabalhar com o Ministério da Educação numa estratégia de educação para a cidadania que entrará em funcionamento no próximo ano lectivo e que elege também como objectivo trabalhar entre outros temas, os direitos humanos, a violência e os estereótipos de género, desde o pré-escolar até ao 12º ano. Temos que investir mais na prevenção, tal como fizemos relativamente ao ambiente em temas como a reciclagem, para que não cheguemos todos os anos ao dia 25 de Novembro e apresentemos os números que a UMAR sempre apresenta do observatório que tem sobre as mulheres mortas por homicídios conjugais... Para isso, temos que investir desde o pré-escolar até ao 12º ano...

A média de idades deste estudo permite-nos pensar desde os 10 até aos 25 anos... Não basta agir nas crianças mais pequenas e no secundário. Temos que agir igualmente nas universidades e isso traz-nos um novo desafio: trabalhar com jovens adultos e adultas e aí o trabalho tem que ser feito de outra forma. Temos que trabalhar com os jovens para os jovens, ou seja, a mensagem tem que ser pensada por jovens adultos e adultas de 20 anos para jovens adultos e adultas de 20 anos. Por isso, iniciámos neste ano lectivo, em Setembro, uma campanha designada Muda de Curso, que começou com um vídeo que foi apresentado nas festas das associações e federações académicas, com as quais trabalhámos o projecto, que tem uma segunda fase, que arranca hoje com duas componentes: uma campanha de outdoors em todas as cidades do país que têm universidades e politécnicos e teremos ainda uma linha de financiamento para projectos nas universidades, que permitem que as federações e as associações académicas desenvolvam projectos de sensibilização, debate e discussão deste problema, dentro das universidades, no próximo ano lectivo. Julgo que o caminho é por aqui: prevenção, prevenção, prevenção!

Acima de tudo, este estudo mostra-nos que existe uma cultura de violência que tem que ser combatida e para a qual o esforço de todos e de todas e da comunicação social é determinante.

